

JN e a estrela errante da produção local. O papel do telejornalismo na construção das redes de televisão*

Ada Cristina Machado da Silveira** e Micheli Seibt***

RESUMO

O papel do telejornalismo na construção das redes de televisão requer estudar fenômenos sobre os quais temos pouca informação sistematizada. Este artigo trata da reconstituição dos acontecimentos em torno à iniciativa de inserir diariamente um bloco local dentro da edição do Jornal Nacional emitido pela Rede Globo em cadeia nacional já nos seus primeiros meses de existência (1969). Apontamos o caso de uma emissora que inaugurou a articulação da programação de uma cabeça-de-rede com a programação regional e local. A partir dele é possível ter uma perspectiva de análise privilegiada e também avaliar perdas e ganhos na trajetória de uma emissora comunitária, a TV Imembuí, de Santa Maria-RS. A análise da concessão do canal televisivo a um grupo local do interior brasileiro 35 anos depois de sua inauguração permite considerar várias ordens de fatores mutuamente imbricados: um certo atrofiamiento da produção de conteúdos locais, a persistência do telejornalismo nesta tarefa e a estruturação do sistema de redes televisivas no Brasil.

Palavras-chave: televisão, jornalismo, política de comunicação, conteúdos, redes televisivas

ABSTRACT

The roll of telejournalism on the construction of television networks requires the study of phenomena on which we have very little sistemitized information. This paper deals with the reconstitution of facts around the iniciative of daily insertion of a local bloc of news within the edition of Jornal Nacional broadcasted by Rede Globo on national chain already in its first months of existence (1969). We point out the case of a network that participated on the inauguration of the articulation of a head-of-network's programation with local and regional feed. From it we can have a privileged perspective of analysis and also avaluate the losses and gain in the trajectory of a community station, TV Imembuí, of Santa Maria-RS. The analysis of the concession of the tv channel to a local group from inner Brazil 35 years after its inauguration allows us to consider several orders of factors mutually imbricated: a certain atrofiy in the production of local content, the persistence of telejournalism in this task and the structuration of the television network in Brazil.

Key words: television, journalism, communication politic, contents, networks

* O artigo resulta de um projeto financiado pelo CNPq, FAPERGs e FIPE-UFSM intitulado "Terras de Fronteira: a malha de comunicação local-internacional".

** Jornalista, Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, coordenadora do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, é líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, identidades e fronteiras.

*** Jornalista pela UFSM, foi bolsista PROBIC-FAPERGS, integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, identidades e fronteiras.

Introdução

“O Boeing decolou” afirmou Armando Nogueira (*apud* JN, 2004, p. 25) no dia 1º de setembro de 1969, quando a Rede Globo transmitiu a primeira edição do telejornal Jornal Nacional - JN simultaneamente para várias cidades do Brasil através do sistema de micro-ondas da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel). A vinheta do primeiro telejornal nacional exibido em tempo real surgia na telinha com a imagem de uma antena de satélite ao som cerimonioso de “2001 – Uma odisséia no espaço”, uma metáfora que antecipava a noção de aldeia global de McLuhan. Já a inserção de um bloco local dentro da edição diária do JN emitido pela Rede Globo em cadeia nacional nos seus primeiros meses evidencia, conforme analisamos neste artigo, a pretensão do sistema televisivo brasileiro que se inaugurava, propondo-se a suprimir as imensas distâncias geográficas que os canais de distribuição do jornalismo impresso ainda nos dias de hoje não alcançaram superar.

O aparecimento, em 1969, do JN, primeiro telejornal em rede, foi o grande marco desse processo, embora o telejornalismo já fizesse parte da programação da Globo desde sua inauguração, em 26 de abril de 1965. Entre os fatos que a emissora cobriu, antes do JN, estavam, por exemplo, a enchente no Rio de Janeiro em 1966, o lançamento da Apollo 9 e a chegada do homem à Lua. O jornalismo, naquele momento, tinha ainda um alcance regional incipiente e a idéia de uma rede nacional era ainda um sonho (JN, 2004, p.17).

94

O JN foi criado para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi. Antes disso, nem a Tupi, nem a Globo, formavam redes devido à falta de capacidade operacional para transmitir o sinal para diversas regiões ao mesmo tempo. A maioria dos programas era produzida e exibida localmente, ou eram gravada em filmes e videoteipes e distribuída posteriormente, chegando às outras emissoras com dias de atraso. Foi o JN o responsável por criar uma linguagem televisiva, já que os outros telejornais estavam ainda apegados à linguagem radiofônica. E foi dessa forma que o JN passou a ser considerado um ícone da formação das redes nacionais. Assistido diariamente por mais de 40 milhões de pessoas, o telejornal continua a acompanhar as evoluções tecnológicas e jornalísticas e conseguiu estabelecer-se como o mais tradicional telejornal da TV brasileira. Assim como a emissora que o produziu, a TV Globo, firmou-se como a maior rede de televisão do Brasil e da América Latina (veja-se SOUZA, 1999, p. 27 e BAZI, 2001, p. 21).

Os antecedentes desta situação privilegiada apontam que a Rede Globo uniu-se ao Governo Militar, fundamentado na Doutrina da Segurança Nacional. A rede consagrou o “padrão globo de qualidade”, o qual consistiu na permanente atualização técnica, a par de ter parte de sua programação proveniente de importação e, também, produções dos estúdios do Rio de

Janeiro e São Paulo. A produção de telenovelas e programas de entretenimento adicionou-se à proposta de um telejornalismo asséptico, que consagrou os princípios de objetividade e imparcialidade e da precisão informativa. O processo de integração nacional promovido pelo Governo Militar já começara a ganhar forças desde 1965 com a inauguração da TV Globo e a criação da Embratel. E foi uma das redes de micro-ondas por ela criada, a “Tronco Sul”, que integrava Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, que permitiu a transmissão de alcance nacional desse telejornal. Na verdade, o JN foi ao ar “inicialmente para Brasília e oito Estados da Região Centro-Sul (exceto Goiás)” (XAVIER, 2004, p. 170). Depois, a própria TV Globo investiu na construção de rotas para interligar suas emissoras, criando uma malha de retransmissoras e repetidoras por todo o país.

Com a estréia do JN, em 1969, a emissora viria a destacar-se e consolidar-se definitivamente, tornando-se o grande artífice da almejada integração nacional através da indústria cultural e iniciando a construção das redes. Mas resulta evidente que a consolidação da TV Globo na década 70 e o estabelecimento de seu padrão contribuíram para a diminuição do tempo de programação local no Brasil. Depois de 20 anos com emissoras de televisão locais e regionais não integradas, com programação basicamente de conteúdos locais, os rumos da televisão no Brasil mudaram a partir dos anos 70 ao consolidarem-se as grandes redes nacionais. Começa, então, o declínio das emissoras amadoras e artesanais para dar espaço ao modelo industrial de TV. Seria o JN a crônica de uma morte anunciada? Como se deu este processo vertiginoso? A resposta passa por considerar várias ordens de fatores mutuamente imbricados: um certo atrofiamento da produção de conteúdos locais, a persistência do telejornalismo nesta tarefa e a estruturação do sistema de redes televisivas no Brasil.

Em 2004, completaram-se 35 anos da inauguração da TV Imembuí. De 1969 até hoje, a emissora passou por inúmeras transformações, contudo, a mais significativa foi sua precoce integração numa rede regional e numa rede nacional de televisão concomitantemente. Situada no interior do Brasil em território fronteiro e exposto às mais drásticas intervenções dos interesses militares, ela integra um conjunto de iniciativas que marcaram o que denominamos de *terras de fronteira*.¹ Nelas identificamos uma malha de comunicação local-internacional que teria por objetivo fixar a vigência da expressão em língua portuguesa nos confins meridionais do Brasil e, subsidiariamente, o de captar e registrar as ações da sociedade fronteira.² Especificamente da perspectiva do jornalismo, as terras de fronteira se

¹ As terras de fronteira podem ser reconhecidas como em parte formadas pela atual faixa de fronteira ademais dos territórios incorporados por uma sucessão de tratados diplomáticos e uma dezena de guerras. A dinâmica interna da malha de comunicação que ali se desenvolveu determina que sua estrutura seja ao mesmo tempo compatível com a ordem heterônoma e com a sociedade civil local, enquanto sua projeção externa se insere num contexto internacional adverso, mas que está muito próximo territorialmente. A respeito, vejam-se nossos trabalhos anteriores (ADAMCZUK e SILVEIRA, 2004; SILVEIRA, 2003; SILVEIRA e ADAMCZUK, 2003, 2004).

configuram como territórios especiais que atuam como sentinelas, alertando a nação para fatos inusitados com os quais se deve ter cuidado pois apontam para fenômenos de repercussão internacional. Desde o contexto fronteiriço, a emissora santa-mariense acompanhou o desenvolvimento da TV brasileira e teve que se adaptar às condições de funcionamento das redes.³ Mudou, inclusive, o nome fantasia de TV Imembuí para RBS TV Santa Maria, na época em que foram padronizados os nomes das emissoras da RBS, adotando generalizadamente o nome do município onde a emissora se situa.

O foco neste caso concreto fornece uma perspectiva de análise privilegiada sobre a sucessão de acontecimentos dos quais temos pouca informação sistematizada: o papel do telejornalismo na articulação local-nacional e construção das redes de televisão. O estudo da concessão de um canal televisivo a um grupo local também permite constatar a determinação de uma certa estrutura organizacional sobre o comportamento editorial ao definir as condições de produção de noticiário. De outra perspectiva, o seu caso insinua alguns aspectos sobre a formação do sistema brasileiro se as emissoras de pequeno porte tivessem sobrevivido autônomas.

1969: emissão local do JN em terras de fronteira

96

Foi desde a primeira semana de funcionamento da TV Imembuí, localizada em Santa Maria-RS em dezembro de 1969 - todos os dias às 19h 45 min - que passou a entrar no ar o “Jornal Nacional com noticiário de Santa Maria”, conhecido mais tarde como “Santa Maria no Jornal Nacional”. Ou seja, a TV Imembuí já nasceu integrada na rede do JN. E uma das características mais ostensivas da emissão vinculada consistia na observância de um cenário local do JN. A foto do estúdio (foto 1) permite constatar que ele era semelhante ao da emissão em nível nacional (foto 2).

Nas fotos, podemos comparar o primeiro cenário do JN, com sua bancada e logotipia reproduzida em ambas: o nacional, no Rio de Janeiro, com os apresentadores Cid Moreira, Hilton Gomes, João Saldanha, Heron Domingues e Sergio Chapelin, e a instantânea da emissão local, em Santa Maria, com o apresentador Paulo Gilberto Höer. A veiculação do JN constou

² O Ministério das Comunicações, assim como o Ministério do Desenvolvimento e Integração Nacional e o Ministério da Ciência e Tecnologia, estabeleceram, durante os Governos de Fernando Henrique Cardoso, que a faixa de fronteira vinha a ser uma das prioridades do governo federal, entendendo ainda que a formação de investigadores e especialistas no tema é estratégica para o Brasil. Acreditamos que a experiência gaúcha pode servir de referencial teórico à relação comunicacional entre sociedades fronteiriças e as demais nações vizinhas ao Brasil, especialmente no momento em que a Amazônia é reclamada internacionalmente.

³ Suzana Kilpp (2000, p. 40) refere-se a uma pesquisa do IBOPE de 1970 pela qual 69% dos gaúchos tinham aparelhos de televisão ligados entre as 18 e às 20 horas, e 82% entre as 20 e 22 horas, todos os dias. O Rio Grande do Sul era proporcionalmente na época o Estado onde mais se compravam aparelhos de TV, tendo as vendas crescido 250% nos três anos anteriores. Dos 6,5 milhões de habitantes, 1,7 milhões eram atingidos por essa mídia através de 350 mil aparelhos sintonizados nos Canais 5, 10 e 12 (de Porto Alegre), mais a TV Imembuí de Santa Maria e a TV Caxias.

da crônica local impressa da época, dando destaque à programação exibida pela TV Imembuí:



Foto 1 - JORNAL NACIONAL EM SANTA MARIA (arquivo pessoal)



Foto 2 - JORNAL NACIONAL NO RIO DE JANEIRO (JN, 2004, p. 31)

Na TV Imembuí, após 'Santa Maria no Jornal Nacional', às 19,45, será iniciada a transmissão de mensagens ao vivo pelas autoridades santa-marienses, que os estúdios do Canal 12 se dirigirão à população, até às 21,30 horas. Às 21,45 será apresentado o programa 'Eles e os fatos de 1970', numa mesa redonda ilustrada com os responsáveis pelo setor de notícias dos órgãos de divulgação de Santa Maria. Às 22,45 haverá a transmissão da mensagem da direção da TV Imembuí, seguindo-se uma edição especial do Jornal Nacional, com fatos mais importantes do ano, em cadeia com a Rede Globo de Televisão. Às 24 horas será apresentado ainda em rede um show musical e, a partir de uma hora da madrugada, a TV Imembuí estará transmitindo diretamente do Clube Comercial, o 'Baile de Reveillon' daquela sociedade (A RAZÃO, 31 dez. 1970, p. 2).

98

Uma reportagem do Jornal Zero Hora (22 abr.1970, p.31), de Porto Alegre, publicada quatro meses após a fundação da emissora enfatizava: “A larga programação atingindo todas as áreas da preferência popular, dentro do crédito de divertir educando, justifica a preferência pelo canal 12 de Santa Maria. E, beneficiada está sendo a região atingida pela TV Imembuí que encontrou um moderno veículo de comunicações”.

No levantamento realizado nos jornais de dezembro de 1970, já constava, além da programação da TV Imembuí, a programação de outras emissoras: canal 5 - TV Piratini, canal 10 - TV Difusora e canal 12 - TV Gaúcha. Essas emissoras transmitiam sua programação antes ou concomitante com a Imembuí, como é possível observar na nota publicada pelo diário local A Razão após a inauguração da emissora:

TV Piratini voltará a oferecer sua bela imagem – A partir de hoje, os telespectadores da Televisão Piratini, sintonizarão a imagem da 'pioneira do Rio Grande' através do canal 4, permanentemente. Com tal mudança, a TV Piratini voltará a ter condições de apresentar a mesma excelência de imagem que sempre a caracterizou. Enquanto isso, a TV Gaúcha será retransmitida aos santa-marienses através da TV Imembuí no canal 12, nos intervalos da programação local da jovem emissora de televisão de nossa cidade. (A RAZÃO, 14 dez. 1969, p.1)

A inserção do bloco local tinha duração de 15 minutos: “Tudo começava pelo jornal local, que era ao vivo, não tínhamos videoteipe, passava pela parte de Porto Alegre e depois vinha o Jornal Nacional transmitido via Embratel”, recorda o ex-diretor artístico da TV Imembuí, Quintino Oliveira (2003).

O JN deixaria de ter emitido o bloco local de Santa Maria em 1984 quando a programação regional redefiniu a inserção da programação local na rede numa decisão que escapou do controle da emissora local. Teria a produção local sucumbido às exigências técnicas e estéticas do JN? Benvenuti Jr. (2005, p. 105) comenta o esmero dos apresentadores de “boa aparência, voz e firmeza na locução”, bem como “a eliminação dos improvisos [...], a pontualidade e o acurado tratamento técnico (muitos videoteipes exibidos a cada edição), agregados à transmissão ao vivo para todo o território nacional”. Quais seriam as razões desta mudança? Sobre isto, voltaremos mais adiante, após abordar a relação entre uma emissora local e o sistema televisivo brasileiro.

O surgimento do sistema de filiadas e afiliadas da Rede Globo

Depois do JN, outros programas e emissoras começaram a transmitir sua programação via redes verdadeiramente nacionais. “Em 1973, o conglomerado [Globo] já dispunha de 18 emissoras. A Tupi ainda liderava com 21. Havia também a Rede de Emissoras Independente (REI), uma associação sem existência legal, criada pela Record, com nove estações”, explica Souza (1999, p. 33). Já em 1979, dez anos após a concretização do sistema de redes nacionais, a distribuição das emissoras por redes se configurava da seguinte forma: “em primeiro lugar, a Globo, com 33, seguida da Tupi com 21, e da Rede Independente, formada por 12 emissoras” (SILVA E MONTEIRO, s.d., p. 23). Dentre os Estados, o Rio Grande do Sul possuía o maior número de emissoras em operação: 13. A estratégia usada pela TV Globo para construir sua rede de emissoras foi a associação a grupos regionais. Ao contrário da atuação dos Diários Associados, a Globo não investiu muito na criação de emissoras próprias, preferindo os convênios com emissoras de grupos regionais já estabelecidos, como a RBS.⁴ Assim, a Rede Globo adotou o sistema de filiadas (emissoras próprias) e afiliadas (emissoras associadas que retransmitem a programação da rede e produzem programas e comerciais locais) para cobrir todo o território nacional. Da mesma forma, associando-se a grupos que detinham emissoras locais, a TV Gaúcha formou a Rede Brasil Sul de Comunicações, a primeira rede regional de emissoras do Brasil.

⁴ Souza comenta sobre a hegemonia conquistada pela Rede Globo: “E para chegar a esta condição, a empresa dirigiu suas ações e investimentos em duas direções: na consolidação de uma rede de alcance nacional, conseguida por meio de contratos de afiliação a grupos regionais de televisão, e no aperfeiçoamento de um indiscutível padrão de qualidade, com a produção de telenovelas e do Jornal Nacional.” (SOUZA, 1999, p.30) (grifo nosso)

Desde a fundação da emissora santa-mariense, o grupo da TV Gaúcha já era um dos acionistas, mas com capital menor do que 50%. A maior parte dos acionistas era de Santa Maria e detinha o controle e a direção da TV Imembuí. Esse quadro transformou-se no decorrer dos anos, além de ser flagrante o fato de que a emissora só teve condições de começar a transmitir seus programas depois de firmado o convênio técnico e de programação com a TV Gaúcha. E quando esta adquiriu o controle acionário da TV Imembuí, ela já estava começando a formar a sua Rede Regional de Emissoras. “No Brasil, a TV Gaúcha foi a primeira emissora a interligar várias estações no interior do estado. Começava a se formar a primeira rede regional de televisão no Brasil, futura RBS TV” (XAVIER, 2000, p. 242). Para isso, a RBS reuniu as emissoras dos principais pólos regionais do Estado:

É grande a importância do desenvolvimento das emissoras de iniciativa comunitária, como a TV Imembuí, para a formação dos grupos de comunicação no Estado e para a consolidação do sistema de redes televisivas. Foram as emissoras do interior do Rio Grande do Sul que permitiram à TV Gaúcha instaurar, em 1977, a sua Rede Regional de Notícias, com a integração dos telejornais (SANTOS, 1999).

100

Após sua afiliação à Rede Globo, em 1969, abandonando o vínculo com a TV Excelsior, o futuro grupo RBS despontaria como um dos protagonistas da consolidação das redes televisivas. Para isso, os pioneiros defrontaram-se com uma realidade particular; no Rio Grande do Sul, a organização das redes de televisão não se deu de forma simples e a emissora de Santa Maria se constituiu apenas num dos exemplos de como a Rede Globo teve que se adaptar às idiossincrasias culturais do Estado e reconhecer a estrutura empresarial de comunicação, que já estava consolidada, para se estabelecer comercialmente, granjear confiança política na população e legitimar-se enquanto meio de comunicação. Renato Ortiz (2001) explica essa questão referindo-se ao fato de que a consolidação das redes de TV no Brasil está relacionada à idéia de veículo de integração nacional, com a proposta de unificação dos mercados locais. Assim, a identidade nacional foi reinterpretada pela indústria cultural em termos mercadológicos, ou seja, a nação integrada passou a significar a situação de consumidores interligados no território nacional. Isso se verifica na expansão da Rede Globo junto aos mercados regionais nos anos 70. Para atingir o Rio Grande do Sul, que representava o terceiro maior mercado consumidor da época, a Globo precisou lançar mão de algumas estratégias para a exploração:

O interior gaúcho apresentava, no entanto, algumas dificuldades. A primeira, de ordem cultural, uma grande diversidade de hábitos e de gestos que fazem parte de toda uma história da população regional. A segunda, de caráter empresarial: a existência de emissoras locais (TVs Caxias – Tuiuti – Imembuí – Erechim – Uruguaiana – Bagé – Gaúcha) que se desenvolveram na fase anterior à da “integração nacional”. Isto colocava para a Rede Globo um problema cultural e político na exploração desses mercados (ORTIZ, 2001, p. 165).

Para solucionar esse problema, a TV Globo apoiou a criação de um sistema regional, nos principais pólos econômicos, políticos e geográficos do Estado. Assim, as redes nacionais podiam se expandir através da valorização do regional. Naquela época, a RBS se diferenciava das demais afiliadas da Rede Globo por possuir emissoras de TV que geravam programação própria. Além disso, a rede gaúcha investiu no mercado publicitário local. O grupo consolidou-se nas décadas de 70 e 80, diferenciando-se da maioria das afiliadas às grandes redes de comunicação, em especial às da Rede Globo. Nesta época, a RBS buscou captar recursos no mercado publicitário local e conquistar espaços na grade de programação distribuída pela Globo, para a produção e publicidade locais (SANTOS, 1999, p. 125).

101

Antes de a TV Imembuí funcionar foram cedidos à TV Gaúcha equipamentos para instalação da sua repetidora na zona norte da cidade, no chamado Morro da Televisão. Depois da fundação da emissora local, a TV Gaúcha passou a dar apoio técnico e de programação à nova emissora. Como já nos referimos, a presença da TV Gaúcha consistia em ter parte de sua programação retransmitida pela Imembuí. Mais tarde, ao tornar-se acionista majoritária e agregar as emissoras com história semelhante, a TV Gaúcha formaria a primeira rede regional de emissoras do Brasil. O jornalista Lauro Schirmer analisa a questão:

*A rede regional que a RBS implantou com pioneirismo no Brasil, em menos de duas décadas chegaria a contar com onze emissoras no interior do Rio Grande do Sul. Às primeiras já referidas, de Caxias do Sul, Erechim, Santa Maria e Uruguaiana, juntaram-se as de Pelotas (inaugurada em 1972 com o nome de TV Tuiuti), Bagé, Rio Grande e Cruz Alta (em 1977), e Passo Fundo (1980). Vale destacar que **todas as concessões para essas emissoras** - com a única exceção do canal de Santa Rosa, concedido a RBS no governo José Sarney - **foram outorgadas a grupos locais aos***

*quais a RBS se associou (SCHIRMER, 2002, p. 64)
(grifo nosso).*

O pioneirismo da RBS nos faz retornar a um outro, o do esforço de criação de uma emissora local, a exemplo de outras que lhes foram contemporâneas.

A concessão do canal ao grupo santa-mariense

O voluntarismo, a disposição e as condições de TV artesanal frente ao impressionante incremento técnico da televisão brasileira e à estruturação das emissoras em redes determinaram que, no final de 1972, o controle acionário da TV Imembuí passasse para a TV Gaúcha, incorporando-se definitivamente ao que hoje é o grupo RBS como RBS TV Santa Maria.

Constatamos que nos seus primeiros anos de atividade predominavam o amadorismo e a improvisação. O desenvolvimento da linguagem da nova mídia se defrontava com a inexperiência dos funcionários, provenientes do rádio e fotografia, bem como outras dificuldades técnicas, como o peso elevado das câmeras e a não disponibilização de aparelhos de videoteipe. Depois de cinco anos de esforços e mobilização, a TV Imembuí, com o slogan “a imagem do Coração do Rio Grande”, foi oficialmente inaugurada no dia 13 de dezembro de 1969. Como a emissora foi uma iniciativa da Rádio Imembuí, os acionistas majoritários da Rádio e da TV coincidiam⁵. Assim como a população santa-mariense que foi receptiva à idéia, daí o número de mais de 600 acionistas que se interessaram pelo empreendimento sem a intenção de lucros, apenas com a vontade de colaborar com um projeto pioneiro na cidade⁶. Isso está visível em um artigo publicado por Abelin na sua coluna no Jornal A Razão, em 1969:

*A ‘Imagem do Coração do Rio Grande’ reflete
o esforço de cinco anos, a ousada campanha da*

⁵ O primeiro gerente da emissora, Antônio Abelin (2004), relata como foi obtida a concessão do Governo Federal para sua instalação: “Nosso grupo era o grupo da Rádio Imembuí, e dentro da própria diretoria surgiu a idéia de criarmos uma emissora de televisão já que em Santa Maria não tinha uma emissora, apenas tinha repetidoras. [...]Então, nós reunimos um grupo de cerca de 100 pessoas, fizemos o lançamento da iniciativa e constituímos uma sociedade chamada Televisão Imembuí S.A. Nós começamos a vender ações – cotas para constituir um capital – e organizamos a documentação de 600 acionistas. O grupo que foi escolhido para dirigir a TV foi exatamente o mesmo que dirigia a rádio...[...] Além disso, nós contávamos com um grupo grande de funcionários dentro da Rádio que ajudaram muito. Todo mundo ajudou sem nenhum interesse maior a não ser constituir a televisão, a diretoria não recebeu um tostão de honorários. Depois de constituir a sociedade, nós levamos a documentação pra o Rio de Janeiro porque precisava da aprovação do Governo Federal. Levada a documentação, aguardou-se uns meses até que se obteve a concessão. Para obter a concessão e instalar a emissora, nós tivemos que contar com o apoio da TV Gaúcha e da Universidade Federal de Santa Maria.” (ABELIN) (grifo nosso).

⁶ Através da pesquisa bibliográfica, hemerográfica e das entrevistas, constatamos a data da primeira geradora de Santa Maria. O apoio da Universidade Federal de Santa Maria também foi fundamental através da assinatura de um convênio, no qual a UFSM emprestou equipamentos que havia adquirido para um malogrado projeto de TV Educativa e recebeu em troca espaço diário para veiculação de programas - Caparelli (1982) registra que o Governo Militar apoiava a reserva de canais e a obtenção de fundos para a implantação das tevês educativas baseadas no modelo norte-americano.

comunidade santa-mariense integrada na TV, com a colaboração de instituições e homens de empresa em dotar a cidade de um grande veículo de comunicação social. Não é um empreendimento particular; podem crer. É a própria vocação construtora de Santa Maria e uma realização desta região. A TV Imembuí vai ao ar sob os augúrios de bons propósitos e com a mensagem tradicional da 'família Imembuí' de onde se originou a iniciativa que pertence por inteiro a mais de quinhentos cidadãos que estão legando a toda uma comunidade (ABELIN, 1969, p. 2).

A emissora foi instalada nos fundos da Rádio Imembuí e, com o início das transmissões da emissora santa-mariense, parte da programação da TV Gaúcha, que era anteriormente transmitida para Santa Maria e região, foi cortada para dar espaço à produção local⁷. A comunidade santa-mariense aprovou a mudança, mas muitas cidades da fronteira não gostaram da idéia de receber a programação local de Santa Maria porque sua imagem chegava a locais que antes recebiam a programação da emissora porto-alegrense. Relata um dos fundadores da emissora⁸:

Mas houve um determinado período, e isso nos preocupou bastante, que quando entrava a nossa programação, eles protestavam, eles não queriam ficar sem a programação da TV Gaúcha. E isso nos criou um problema porque o pessoal não queria anunciar na TV Imembuí. Eles alegavam que a gente estava cortando a programação da Gaúcha e eles queriam ver futebol, por exemplo, não queriam ver o artista tal cantando em Santa Maria (ABELIN).

103

A sucessão de fatos que levou ao desfecho de entrar na engrenagem das redes televisivas não pôde ser levantada em todos os detalhes. Ao que parece, na época, a emissora não acumulava dívidas trabalhistas e era uma empresa que se esmerava em honrar os compromissos com credores. A TV Gaúcha adquiriu o controle acionário da emissora no final de 1972. O direito

⁷ A Rádio Imembuí, que foi a maior incentivadora da TV, havia sido fundada em 13 de fevereiro de 1942. Adamczuk e Silveira (2004, p. 22), em estudo sobre essa empresa, mostram que a emissora também não foi iniciativa individual, mas fruto de uma sociedade, assim como várias outras emissoras fronteiriças bem-sucedidas do período.

⁸ O sinal da TV Imembuí abrangia as seguintes cidades: Santa Maria, São Sepé, Caçapava do Sul, São Gabriel, Restinga Seca, Formigueiro, São Pedro do Sul, São Vicente do Sul, Mata, Jaguarí, São Francisco de Assis, Alegrete, Cacequi, Rosário do Sul, Santiago e Santana do Livramento, totalizando cerca de 500 mil telespectadores no centro e fronteira do Estado. Devido à proximidade de Santana do Livramento com o Uruguai, a TV Imembuí podia ser sintonizada, inclusive, em Rivera, no Uruguai.

de concessão não foi alterado e a emissora manteve suas atividades com base em outra dinâmica.

Ao analisar a programação de dezembro de 1972, percebemos que ela não era mais publicada no Jornal A Razão juntamente com as outras emissoras. Assim, a programação local da TV Imembuí reduziu-se praticamente ao telejornalismo, com a produção e apresentação de blocos locais no “Jornal do Almoço” que surgiu nesse ano e no “Jornal Nacional”. Como conta Abelin: “primeiro, nós cobríamos com a Gaúcha os espaços da TV Imembuí. Mas houve um tempo em que a Gaúcha começou a pedir mais espaço, disse que o pessoal não podia mais deixar de assistir a certos programas”.

Além da TV Imembuí, outras iniciativas de televisão local surgiram no interior do Rio Grande do Sul no final dos anos 60 e início dos anos 70, sendo que todos os canais foram concedidos pelo Governo Federal a grupos locais. À semelhança do que ocorreu com a emissora santa-mariense, elas também foram incorporadas pela TV Gaúcha. E foi desta forma que as emissoras do interior do Rio Grande do Sul viabilizaram a formação da primeira rede regional de emissoras televisivas do Brasil, mais tarde denominada RBS TV. Verificamos, então, como a política de comunicação influenciou no sentido de que o grande movimento da TV no interior do Rio Grande do Sul não se mantivesse nas décadas subseqüentes. Dentre seus diversos fatores, talvez o principal deles seja a questão da formação das redes, pois foi assim que, paralelamente a sua integração à RBS, a TV Imembuí também passou a integrar uma rede nacional, a Rede Globo.

104

É a partir de então que mudam os rumos da televisão: de emissoras artesanais, de programação local e sem perspectiva de lucratividade, para emissoras industriais, de programação nacional e ativamente inseridas no mercado capitalista. Neste contexto, cabe a questão: o desenvolvimento de redes se deu pela estratégia do remanejamento da capacidade técnica instalada que era repassada a emissoras menores ou pela via da geração de uma demanda de conteúdos de qualidade superior?

O pioneirismo da RBS na interiorização da programação da TV Globo rendeu ao Rio Grande do Sul destaque para o espaço local⁹. Dulce Cruz (1996, p. 44) explica que “coube à própria RBS a iniciativa de interiorizar a rede, e à Globo a tarefa de adotar a interiorização, inclusive abrindo espaços locais dentro da programação”. Desse fator, resulta que até hoje a RBS TV é a “única afiliada à Rede Globo que ocupa todos os horários optativos” disponíveis na grade de programação da Rede Globo para a programação local (HINERASKY e RONSINI, 2001, p. 99). Ao levar a programação da TV Globo para o interior do Estado, a intenção da RBS não foi apenas a de deixar

⁹ Conforme Souza (1999, p. 159), a RBS é uma das únicas afiliadas “em condições técnicas para manter os programas com nível próximo ao da Globo”. Aliás, um dos motivos pelos quais a Rede Globo vem diminuindo a abertura de janelas para o local parecer estar nas dificuldades técnicas das emissoras afiliadas em seguir esse padrão.

a comunidade a par da programação nacional, por exemplo, informando sobre os fatos ocorridos no país e no mundo através dos telejornais; questões econômicas estavam em jogo.

O embrião que se atrofiou: a produção de conteúdos locais

A produção de conteúdos de interesse local já era buscada desde os primórdios da *TV Gaúcha* quando, em 1962, ela lançou seu slogan identificando-se como “A emissora da comunidade”. A partir desse conceito, a emissora estabeleceu definitivamente um padrão de programação que envolve três níveis de produção: do local e regional à programação transmitida diariamente em nível nacional. E este pleito se manteve quando, em 2000, a rede de TV comercial constituída pela RBS foi reconhecida pela Associação Nacional de Emissoras de Rádio e Televisão Norte-americanas (NAB) como a melhor rede comunitária do mundo. E é na busca deste ideal que se concentram suas contradições¹⁰.

Atualmente, a RBS permanece buscando dilatar a dimensão do espaço local na programação, não só por ter sua origem comunitária e local, mas também pelas dificuldades de expansão no Brasil e em outras nações do Cone Sul; Uruguai e Argentina seriam os territórios mais próximos, não fosse a diferença idiomática. Foi assim que se solidificou a estratégia da RBS de investir em todos os segmentos para manter-se na concorrência também com a televisão segmentada.

As emissoras que formaram a rede regional, criadas no interior do Estado, sobreviveram às dificuldades técnicas e econômicas com razoável espaço de produção local. Mas esse espaço veio diminuindo gradativamente. Scarduelli afirma que o tempo de exibição da RBS ocupava 16% da grade de programação da Rede Globo no final dos anos 80 (*apud* HINERASKY, 2004, p. 33). Conforme Hinerasky (2002, p. 07), “hoje em dia, a RBS TV produz em torno de 10% do que é exibido nas telas da Globo”.

O local e o global: a padronização da produção de conteúdos

A rede nacional abre espaços para a produção local especialmente nos noticiários visando captar anunciantes locais ali onde eles se apresentam

¹⁰ Considerando-se como nível de produção local aquela produzida pelas emissoras locais da RBS, tomamos por referência a produção da RBS TV Santa Maria que é transmitida para Santa Maria e região, composta por 40 municípios e cerca de um milhão de telespectadores. Já a produção regional seria aquela produzida em Porto Alegre e transmitida a nível estadual para os cerca de 10 milhões de gaúchos. A produção nacional constituiria-se pelos programas da Rede Globo de Televisão e seria transmitida nacionalmente para todas as afiliadas. A noção de nível de produção local entra em conflito, de certa forma, com a noção atual de uma emissora de TV local. Estas, nos últimos anos, desenvolvem atividades de emissoras dirigidas especialmente ao contexto comunitário de uma cidade ou metrópole, como é o caso da TV COM em Porto Alegre, pertencente ao Grupo RBS, que unifica TV por assinatura e sistema de UHF.

mais expostos. Já as produções do restante da grade de programação misturam os níveis de produção, evidenciando a dinâmica da globalização. Stuart Hall (2000, p. 84) explica que “há, juntamente com o impacto do *global*, um novo interesse pelo *local*” (grifos do autor). A globalização não implica no desprezo pelo espaço local, mas no re-enquadramento de conteúdos e seus anunciantes. O segmento local fica prejudicado quando se constata que predominam as produções das “emissoras-mãe” das redes nacionais e o enquadramento das hierarquias sobre o que é relevante localmente é dado pelo prisma nacional.

Assim, para o caso brasileiro se ressalta que a mescla de níveis de programação não é proporcional, evidenciando-se a prioridade para as produções de nível nacional. Dado que a RBS não tem condições técnicas nem econômicas de manter uma programação regional e/ou local por mais tempo, o telespectador precisa se contentar em assistir a programas nacionais a maior parte do dia. Estende-se ao Rio Grande do Sul, então, o questionamento de Souza (1999, p. 213): “Ela [a RBS] não dispõe de autoridade para representar a comunidade catarinense, porque para produzir e veicular seus programas, depende sempre da autorização da Globo”. A RBS contrargumenta apresentando dados referentes a pelo menos 80 equipes nas geradoras e sucursais nos dois estados do sul, envolvendo a dedicação de cerca de 700 profissionais.

106

Podemos perceber que se de um lado a globalização ocorre através das grandes redes, de outro se dá destaque para as emissoras e programações locais através da regionalização. Em outras palavras, os níveis global e local se misturam para atender a todos os segmentos, o que consiste no fenômeno do “glocalismo” (Cf. GARCÍA CANCLINI, 1995, p. 86). Embora o espaço destinado à programação local dentro das redes televisivas seja restrito, as emissoras da RBS seguem com a idéia da “importância do investimento na qualidade da programação local, com uma linguagem regional, valorizando e mostrando a realidade de cada localidade” (DIÁRIO DE SANTA MARIA, 24/25 mai. 2003, p. 14). Isso pode parecer contraditório numa época de domínio das redes nacionais e prioridade para as informações nacionais; no entanto, esse compromisso e preocupação com a comunidade e valorização do espaço local provêm das expectativas longamente alimentadas, como o constata a origem local da RBS TV e a trajetória da TV Imembuí.

Entretanto, um aspecto é saliente. A produção local tende a concentrar-se no telejornalismo, consagrando aquilo já apontado por Rezende (2000) sobre o padrão norte-americano de operar com características superficiais desvinculado de uma apuração crítica dos fatos.

Comparando-se a atividade de telejornalismo da emissora em 1969 com 2004, constatamos que a produção local tem atualmente cerca de 20 minutos diários, ou seja, 19% do total da produção da RBS TV (regional), e o equivalente a meros 1,4% da programação diária da Rede Globo (nacional).

Isto representa uma sensível redução frente à jornada diária de horas de produção local. Vale ressaltar que, antes da sistematização das atividades das redes televisivas, a programação local diária chegava a ocupar duas horas na TV Imembuí. Além disso, constatamos que a programação dos primórdios da emissora santa-mariense era mais variada, contemplando coberturas de eventos e efemérides, programas de auditório e entretenimento, bem como as prestigiadas transmissões de partidas de futebol da equipe local no campeonato regional. Este quadro original se opõe frontalmente ao atual, restrito aos noticiários, como explica o chefe de telejornalismo da RBS TV Santa Maria Julio Cargino (2004): “Apenas em Porto Alegre a RBS TV investe em produção de especiais e teledramaturgia. No interior, temos estrutura apenas para telejornalismo. Quando são feitas produções por aqui elas são terceirizadas”.

A globalização reaviva as demandas do espaço local. Na dinâmica televisiva atual, as redes nacionais procuram atender à diversidade da audiência e suas afiliadas investem na regionalização de conteúdos como forma de conquistar a credibilidade da comunidade. O debate sobre o projeto de regionalização de conteúdos em trâmite no Congresso brasileiro já é um sinal de que a demanda por programação local aumentou e de que a sociedade está mais exigente, quer discutir seus assuntos e não somente assistir à programação das redes nacionais.

Do local para o nacional: a construção das redes televisivas

107

Levantando elementos sobre a sinuosa política de comunicações brasileira pôde-se caracterizar a criação de uma emissora local do final dos anos 60 como um elo perdido na busca pela atividade comunitária da radiodifusão, descrevendo parte das barreiras por ela enfrentadas e as conseqüências inerentes ao atual modelo de produção de notícias vigente no Brasil. O estudo permitiu levantar aspectos dos primórdios de uma emissora de televisão em Santa Maria, a TV Imembuí (mais tarde, RBS TV Santa Maria) e sua posterior integração às redes televisivas (RBS TV e Rede Globo). A contextualização desse fato na história da televisão no Brasil e no Rio Grande do Sul permitiu refletir sobre a estruturação do sistema articulador dos níveis local-regional-nacional. As características artesanais de produção da TV Imembuí e suas limitações humanas e técnicas permitem compreender um pouco das razões que levaram as emissoras estabelecidas por meio da iniciativa comunitária a entrar no esquema das redes nacionais e submeter-se a suas regras, tanto de controle acionário como no que se refere à redução de espaço destinado à produção de conteúdos de origem local. Ao observarmos a tendência de retorno à valorização dessa produção - a exemplo do que ocorria nos primórdios da TV no Brasil e que reapareceu no cenário de multiplicação da oferta de conteúdos dos anos 90, o aumento que foi

concretizado em Caxias do Sul e Santa Maria em 2003, as cidades onde se instalaram duas das primeiras emissoras do interior do Rio Grande do Sul e do Brasil, poderíamos indicar um fenômeno que se estende a outras emissoras de origem local.

Através do resgate da história de um telejornal de referência – O JN da Rede Globo – podemos constatar como o telejornalismo está entranhado no desenvolvimento da produção televisiva do Brasil. Ao mesmo tempo em que esta condiciona um gênero, aquele aporta seu testemunho dos compromissos do sistema.

Referências Bibliográficas

ADAMCZUK, Lindamir E. e SILVEIRA, Ada C. M. da. Hibridismo, censura e nacionalismo: a produção radiofônica nas Terras de Fronteira (1937-45), *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo: v. XXIV, n.2, 2004. p. 115-130.

BENVENUTO JR, Álvaro. 2005. As mudanças do Jornal Nacional e a reconquista do público. In: JAMBEIRO, O., BRITTOS, V. e BENVENUTO JR, A. (orgs.) *Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia*. Salvador: Edufba. p. 91-114.

108

CAPARELLI, Sérgio. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CRUZ, Dulce Márcia. *Televisão e negócio, a RBS em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1996.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2000.

HINERASKY, Daniela e RONSINI, Veneza M. Audiência e comunidade imaginada dos produtores culturais, *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria: n. 5, dez, 2001. p. 89-118.

HINERASKY, Daniela. *O pampa virou cidade: um estudo sobre a identidade cultural nas produções de teledramaturgia da RBS TV*. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFRGS.

Jornal Nacional: a notícia faz história. Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

KEHL, Maria R. 1986. Eu vi um Brasil na TV. In: COSTA, Alcir H.; KEHL, Maria R.; SIMÕES, Inimá F. *Um país no ar. História da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense/ Funarte. pp. 167-323.

KILPP, Suzana. *Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

MATTOS, Sérgio. *História da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil*. Um perfil editorial. São Paulo: Perfil Editorial, 2000.

SANTOS, Suzi dos. 1999. RBS: A convergência das teles e da TV a cabo. In: CAPARELLI, Sérgio. et al. *Enfim, sós: a nova televisão no Cone Sul*. Porto Alegre: L&PM. pp.125-165.

SEIBT, Micheli e SILVEIRA, Ada C. M. da. 2005. A TV artesanal e as primeiras articulações da Rede RBS: o caso da TV imembuí. In: SILVEIRA, Ada C. M. da. *Mídia insurgente: articulação global-local em terras de fronteira*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006. p.137-198.

SCHIRMER, Lauro. *Da voz-do-poste à multimídia*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SILVA, Maria de F. e MONTEIRO, Marion. A história da TV no Brasil, *Comunicação*, n. 31. Rio de Janeiro: Bloch, s.d.

SILVEIRA, Ada C. M. da. 2003. Borderlands. The variety of communication strategies in Southern Brazil. MIÈGE, B. et TREMBLAY, G. *TICs et Societé*. Saint-Luis (Canadá): Université du Laval. pp. 271-286.

SILVEIRA, Ada C. M. da; ADAMCZUK, Lindamir E. A política de fronteiras e a malha de comunicação local-internacional do Brasil Meridional, *Verso e Reverso*, São Leopoldo (RS): 2003, n.36, pp. 73-87.

_____. Indústrias culturais e faixa de fronteira no Brasil Meridional, *Mercator*. Fortaleza (CE), ano 03, n. 05, 2004. pp.15-22.

SIMÕES, Inimá F. et al. *Um país no ar. História da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SOUZA, Carlos Alberto. *O fundo do espelho é outro: quem liga a...*. Itajaí: Univali, 1999.

XAVIER, Ricardo. *Almanaque da TV: 50 anos de memória e informação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Periódicos

TV Imembuí comemora seu 1º aniversário. *A Razão*, Santa Maria, 13 dez. 1970, p.3.

TV Imembuí vai ao ar hoje. *A Razão*, Santa Maria, 13 dez. 1969. p. 6.

TV Imembuí: um moderno veículo de comunicações. *Zero Hora*, Porto Alegre, 22 abr. 1970. p.31.

TV Piratini voltará a oferecer sua bela imagem. *A Razão*, Santa Maria, 14 dez. 1969. p. 1.

A Razão, Santa Maria, dez. 1969.

A Razão, Santa Maria, dez. 1970.

A Razão, Santa Maria, dez. 1971.

A Razão, Santa Maria, dez. 1972.

ABELIN, Antônio. Panorama. *A Razão*, Santa Maria, 13 dez. 1969.

Santa Maria já tem sua televisão. *Zero Hora*, Porto Alegre, 12 dez. 1969. p. 22.

Entrevistas

ABELIN, Antônio. *Entrevistas concedidas a Ada C. M. Silveira e Micheli Seibt*. Santa Maria, 23 fev. 2001, 28 set. 2003 e 19 out. 2004.

OLIVEIRA, Quintino. *Entrevista concedida a Micheli Seibt*. Santa Maria, 20 mai. 2003.